

Pedro Antônio da Gama Catarino

Do Sapé à Fátima

memórias de uma comunidade
quilombola de Minas Gerais



**Passados Presentes: patrimônios e memórias
negras e afro-indígenas em Minas Gerais**

cancioneiro

DO SAPÉ À FÁTIMA: MEMÓRIAS DE UMA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MINAS GERAIS



Projeto “Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas em Minas Gerais”. Processo: 421223/2022-7.

Pedro Antônio da Gama Catarino

Coautores:

Aline Guerra - Carolina Martins - Lilian Alexandra Santos
Pinto - Lívia Monteiro - Luciano Magela Roza – Luiz
Gustavo Santos Cota - Jonatas Roque Ribeiro - Raíssa
Santos Valeriano - Rhonnel Américo Silva (Rhonnel Fatolá)
- Tailane de Oliveira Dias – Tayane Aparecida Rodrigues
Oliveira.

Organização:

Luiz Gustavo Santos Cota

Do Sapé à Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais

cancioneiro

Copyright © 2025 by Pedro Antônio da Gama Catarino

Todos os direitos reservados.

Editoração, projeto gráfico e diagramação
Ronyere Ferreira

Ilustrações

Alessandra Paes

Capa

Alexandre Mesquita

CANCIONEIRO

Editores

Márcio Douglas de Carvalho e Silva
Ronyere Ferreira

Conselho editorial

Eva P. Bueno (St. Mary's University, Texas - EUA)
Héctor Fernández L'Hoeste (Georgia State University, EUA)
Josenildo de Jesus Pereira (Universidade Federal do Maranhão, Brasil)
Kátia Rodrigues Paranhos (Universidade Federal de Uberlândia, Brasil)
Talyta Marjorie Lira Sousa (Universidade Federal do Piauí, Brasil)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Catarino, Pedro Antônio da Gama.

Do Sapé à Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais /
Pedro Antônio da Gama Catarino. – 1. ed.– Teresina: Cancioneiro, 2025.
84 p.

Projeto Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas em
Minas Gerais

ISBN: 978-65-5330-045-3

1. Brasil – História 2. Minas Gerais – História 3. Escravidão 4. Quilombos –
Brasil 5. Comunidade Quilombola 6. Cultura Africana I. Título

CDD: 981

Ficha catalográfica elaborada por Larissa Andrade, CRB 3/1179

EDITORIA CANCIONEIRO

Teresina - Piauí

www.editoracancioneiro.com.br

contato@editoracancioneiro.com.br

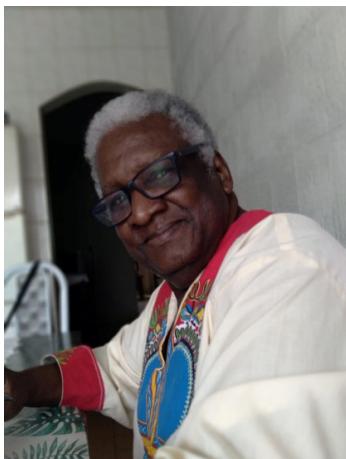
Sumário

Sobre o autor.....	7
Coautores.....	9
Apresentação.....	13
I - Quem sou e de onde venho.....	17
II - A vida no quilombo.....	21
III - A luta do povo negro.....	29
IV - Terra de negro é terra de festa.....	35
V - Território de fé.....	39
O tempo não tem conclusão: esperança no futuro....	45
Caderno didático.....	47
Planos de Aula.....	53
Lutas e Movimentos Negros.....	53

Quilombos.....	58
Festas e sociabilidades.....	62
Religiosidades.....	65
Glossário afrorreferenciado.....	69
Indicações bibliográficas, audiovisuais, sites e redes sociais digitais.....	81
Sobre o projeto.....	85

Sobre o autor

Pedro Antônio da Gama Catarino, popularmente conhecido como **Pedrinho Catarino**, nasceu em 1948, em Ponte Nova, Minas Gerais. Filho de ferroviário, sua mãe prendas do lar, sétimo filho de 12 irmãos, neto de uma ex-escravizada, Vó Geraldina. Casado com Efigênia, pai de dois filhos, avô de dois netos, mora na Comunidade Quilombola do Bairro de Fátima há 70 anos, onde construiu sua vida familiar, comunitária, profissional. É fundador de várias associações comunitárias em Ponte Nova, entre elas o Grupo Afro Ganga Zumba. Participou ativamente na construção da Capela do Bairro de Fátima, e foi presidente da Escola de Samba do Bairro de Fátima. Atuante no movimento negro, bacharel em Direito e Letras e aposentado como Técnico de Segurança do Trabalho da Rede Ferroviária Federal. Ex-professor da Escola Família Agrícola de Jequeri; reconhecido pela Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais (N'Golo), em 2023, como Mestre Quilombola, por seu notório saber. Consultor Detentor



de Saberes Tradicionais no “Projeto Passados Presentes: Patrimônios e Memórias Negras e Afro-Indígenas Em Minas Gerais”. Atualmente é presidente da Associação Quilombola da Comunidade do Bairro de Fátima e Território.

Coautores

Aline Guerra

Doutoranda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em cotutela com a École des Hautes Études en Sciences Sociales (França), vinculada ao Institut des Mondes Africains (IMAF). Desenvolve a pesquisa “Tambores em travessia: as viagens da Congada e a construção das identidades negras no sul de Minas Gerais”. É professora da rede estadual de ensino em Lambari (MG), vice-presidente do Museu Dr. Américo Werneck e pesquisadora do grupo Emancipações e Pós-Abolição (UFF) e do Cultna. Atua em projetos de História Pública, memória, identidade negra e patrimônio imaterial.

Carolina Martins

Doutora e mestra em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com graduação em História e Filosofia. É pesquisadora dos grupos CULTNA/UFF e GPMINA/UFMA, além de integrante da Comissão Maranhense de Folclore. Atua nas áreas de história social da cultura, pós-abolição, festas populares, religião e patrimônio imaterial. Sua pesquisa articula memória, religiosidade afro-brasileira e cultura popular.

Lilian Alexandra Santos Pinto

Graduanda em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), desenvolve pesquisas em História da África e Cultura Afro-Brasileira. Atuou como pesquisadora em Moçambique pelo Programa Caminhos Amefricanos (CAPES/MIR) e integra os grupos de pesquisa Observatórios Atlânticos (OBA) Educagera(UFV) e o Projeto de Extensão Cultura Afro-Brasileira (UFV). É pesquisadora da “Rede Passados Presentes” e carrega, desde a infância, vivências ligadas às práticas culturais negras.

Lívia Monteiro

Professora da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e colaboradora do ProfHistória (UFF). Doutora em História pela UFF, mestre pela UFRJ e graduada pela UFJF. Pesquisa memória, identidade negra, festas populares e pós-abolição, com ênfase em Minas Gerais. Participa do GT Emancipações e Pós-Abolição e é roteirista do documentário “Dos Grilhões aos Guizos”, resultado de sua tese de doutorado.

Luciano Magela Roza

É graduado em História pela UFMG, mestre e doutor em Educação pela mesma universidade. Tem experiência nas áreas de História e Educação, com ênfase em Ensino de História, História afro-brasileira, livros didáticos e música no ensino de história. Atualmente é Professor Adjunto na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde atua na de Ensino de História e no Programa de Pós-graduação em História.

Luiz Gustavo Santos Cota

Professor do CAp-COLUNI da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutor em História Social pela UFF, mestre pela UFJF e graduado pela UFOP. Atua nas áreas de abolição, ensino de História, patrimônio cultural e relações étnico-raciais. Criado em ambiente do catolicismo popular, sua trajetória é marcada pelas negras memórias de sua família.

Jonatas Roque Ribeiro

Doutor e mestre em História pela Unicamp. Pesquisa experiências negras no Brasil, com foco no associativismo, nas emancipações e no pós-abolição. É coordenador regional do GT Emancipações e Pós-Abolição da ANPUH-MG e integrante da Rede de Historiadoras(es) Negras(os). Em 2023, realizou estágio pós-doutoral no LABHOI (UFJF) e na Faculdade de Educação da USP.

Raíssa Santos Valeriano

Graduada em História pela UFV e mestrandona UFF, pesquisa a função social das escolas de samba. Nasceu em Nova Friburgo (RJ), em família ligada aos festejos locais, o que despertou seu interesse pela cultura afro-brasileira. Atua como pesquisadora voluntária no projeto sobre patrimônio e ensino de História afro-brasileira no CAp-COLUNI/UFV. Integra os grupos de estudos CULTNA e sambavivências.

Rhonnel Américo Silva (Rhonnel Fatòlá)

Mestre em História pela UFSJ, é geógrafo, especialista em Gestão e Reforma Agrária e em Ecoturismo. É também treinador comportamental certificado internacionalmen-

te. Babalorixá e fundador do Templo Irossun Ajê (Três Corações/MG), atua na defesa da liberdade religiosa e é conselheiro da Ordem dos Capelães do Brasil. Iniciado no Candomblé aos 16 anos, integra o Conselho Internacional de Ifá desde 2003. Atua na promoção da cultura e religiosidade afro-brasileira.

Tailane de Oliveira Dias

Mestra em História pela UFJF e licenciada pela UFV, atua como professora da rede estadual de Minas Gerais. Pesquisa a história das comunidades quilombolas Córrego do Meio e Chácara (Paula Cândido/MG), com foco nas memórias da escravidão e do pós-abolição. É integrante do GT Emancipações e Pós-Abolição e do Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF).

Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira

Mestra em História pela UFSJ, com pesquisa sobre as identidades e práticas dos benzedores de São João del-Rei (MG), incluindo as memórias de sua avó. Graduada em História pela mesma instituição, integrou o projeto Memorial Clara Nunes e faz parte do Instituto Clara Nunes. É membro do GT Emancipações e Pós-Abolição e bolsista no projeto “Passados Presentes”, atuando na equipe de comunicação.

Apresentação

Luiz Gustavo Santos Cota

Esta é uma obra guiada pela força de memórias vivas, compartilhadas por Pedro Antônio da Gama Catarino, o Pedrinho Catarino, como é conhecido na comunidade quilombola do Bairro de Fátima, localizada na cidade mineira de Ponte Nova.

O projeto “**Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas em Minas Gerais**”, financiado pelo **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)**, sob a coordenação geral da Profa. Hebe Mattos, escolheu fugir dos caminhos comuns ditados pelo mundo acadêmico. Ao contrário da prática corrente de os pesquisadores se estabelecerem como “autoridade fundamental” de todo processo de construção do conhecimento, o projeto admitiu, desde os primeiros passos, a necessidade de reconhecer que há outros detentores, para além dos muros da universidade.

Assim, este livro também é fruto de um longo processo de diálogo guiado pela sabedoria ancestral representada por Pedrinho Catarino, indicado como detentor de saberes primordiais acerca da realidade de sua comunidade, e autor, em primeira pessoa de um conhecimento que, a partir dessa

obra, oferece um lúdico acesso a passados muito presentes e que se estendem para além da comunidade do Bairro de Fátima.

Trata-se, portanto, de uma obra que também representa os frutos de um processo de horizontalização dos saberes, algo ainda tão difícil ao “povo da universidade”. Este livro também fala sobre um esforço na construção de entendimentos possíveis sobre o passado e o presente das populações negras em Minas Gerais a partir de sua própria perspectiva. Investido de seus saberes e autoridade sobre si mesmo, Pedrinho não é o “outro”, mas um Mestre que se dispôs dialogar sobre uma história viva, que é sua e de muita gente.

Essa construção coletiva, guiada por um caminho novo (para muitos de nós, acadêmicos), exige um reaprendizado sobre uma enormidade de questões que se referem às existências negras, em Minas Gerais e no Brasil. Com Pedrinho aprendemos que o conhecimento deve ser construído com ternura e generosidade, como presente oferecido à coletividade a fim de que ela possa se pensar através dele.

Nestas páginas, cada leitor e leitora poderá conhecer de uma maneira terna a comunidade quilombola do Bairro de Fátima, conduzidos por Pedrinho. Localizada no município de Ponte Nova, Minas Gerais, a comunidade é o principal núcleo quilombola da Zona da Mata mineira, reunindo a maior parte das 3.751 pessoas autodeclaradas quilombolas no município, sendo a sexta maior população quilombola do estado, de acordo com dados do Censo de 2022.

Suas origens remontam ao fim do século XIX, especialmente após a abolição formal da escravidão, a partir da migração forçada das populações negras de áreas rurais circunvizinhas, que serviam anteriormente à economia agrícola escravista, formadas por cafeeiros e engenhos de açúcar, para uma área então próxima a uma das bordas em expansão da cidade de Ponte Nova.

De início, a comunidade foi identificada como *Morro do Sapé*, uma referência à cobertura das casas de taipa ali construídas, tendo também recebido as alcunhas de *Vila Cruzeiro* e *Morro da Lamparina*. Situada em região “erma” de mata, no alto e entre morros, em “meio caminho” entre antigas fazendas e a cidade, a comunidade, apesar da relativa proximidade com o núcleo urbano, manteve características rurais até a metade do século XX. Havia ali íntima conexão material e espiritual com a natureza, especialmente o ribeirão cujo nome deriva de área contígua ao território quilombola, de densa mata, o Passa Cinco, lugar de pesca, “tiragem” de lenha, caça e rituais religiosos.

A denominação da comunidade foi modificada em 1956, quando, por conta de seu crescimento e “encontro” com a cidade, o poder público local a rebatizou como Bairro de Fátima (ZEFERINO, 2022, p.66). As áreas contíguas foram alvo de expansão populacional, dirigida pelo poder público municipal, especialmente a partir de 1979, data da primeira ação de assentamento de populações pobres e, majoritariamente negras; afetadas por enchentes em outras regiões da cidade, sendo dirigidas para a área mais alta do morro, denominado, desde então, como São Pedro. Já

na década de 1990, ocorreu nova expansão, mais uma vez motivada por enchentes, criando-se outro bairro, denominado Novo Horizonte. Atualmente, a área de entorno do Bairro de Fátima conta com outras seis comunidades, hegemonicamente negras, com alta densidade demográfica, concentrando cerca de 20% da população total do município (MARTINS, 2016, p. 35).

Aqui neste livro cada leitor e leitora sentirá como se estivesse sentado com Pedrinho no Ganga Zumba, lá no “largo”, bem defronte à capela de Nossa Senhora de Fátima. Cada palavra nos guia por cenários que são comuns a muitos de nós. São “cenas” de passados muito presentes às comunidades negras Brasil afora, recheadas de brincadeiras, do saber dos mais velhos, dos desafios que cismam em se manter, mas também da esperança de que os dias de justiça e felicidade perene chegarão.

Axé!

I - Quem sou e de onde venho

Meu nome é Pedro Antônio da Gama Catarino, popularmente conhecido como Pedrinho Catarino. Sou filho de Pedro Felicíssimo Catarino e Mamede Batista da Gama, que tiveram outros 11 filhos. Meus avós nasceram antes do fim da escravidão. Uma de minhas avós era “*ventre livre*”, pela lei ela não era nem escravizada, mas também não era livre.

Cheguei no Quilombo de Fátima com idade entre quatro e cinco anos, e já estou aqui há 70 anos. Sempre falo que sou nascido aqui, já que cheguei ainda muito novo, quando a comunidade era chamada de “*Sapé*”, nome que vem do tipo de cobertura que as casas daqui tinham no passado. Aqui também já foi chamado de “Morro do Querosene”, porque as casas não tinham energia elétrica e eram iluminadas à noite por lampiões a querosene.

Meu pai trabalhou na roça e depois na antiga Rede Ferroviária Federal como carpinteiro. Minha mãe era “*pren-das do lar*”, cuidava de mim e meus irmãos. Nossa casa era simples, com chão de terra batida, parte de alvenaria e outra de estuque, coberta de sapé. Pintávamos a casa com o barro do córrego. Havia dois tipos de barro: o barro amarelo passá-



vamos no fogão e, às vezes, no chão. Um outro misturamos com as cinzas do fogão, e passávamos na parede. Mas a maioria das casas era de sapé, nem rua direito tinha.

Tive uma infância muito feliz no quilombo. Era cheio de amigos, como o pessoal da família Prateado. Essa família é tradicional no quilombo, precursora de muitos eventos na comunidade e mesmo na cidade. A Dona Aldelina, que era conhecida como a “babá da comunidade”, teve até samba enredo sobre sua história.

Pra vocês terem ideia, uma das primeiras atividades que hoje chamam de “*delivery*” começou com uma pessoa do quilombo, Dona Efigênia Preta, mulher de *Sô* Manezinho. Ela fazia entrega de comida para os trabalhadores da cidade, levando em um balaio que equilibrava na cabeça.

Quando criança, jogávamos bola no campinho do antigo Córrego Grande, e também onde existe o campo de um time chamado Operário, onde hoje existe a escola Senador Miguel Lana, na região do atual bairro São Pedro. Antes essa escola ficava aqui na parte de baixo do quilombo, onde havia um pátio de terra onde também jogávamos bola, quando o vigia bobeava.

Brincávamos de pique, roda e “pólicia e bandido”. *Pinin*, da família de Dona Preta, ficava dizendo que tinha “*oração braba*” e que ninguém pegava ele nas brincadeiras. Um dia, brincando de “pólicia e bandido”, corri atrás de *Pinin*, quando, de repente, ele sumiu! Não sei se dei uma bobeada, distraído, só sei que ele sumiu. Procurei até cansar

e não encontrei. No outro dia ele apareceu repetindo: “*eu tenho oração braba*”.

Existia ainda uma rivalidade entre o pessoal da rua de baixo contra a rua de cima. A gente soltava *papagaio* na rua de cima, perto da casa de *Sô Jão Moreto*, em uma curva que o pessoal chama de Volta do Gato, uma curva bem fechada. Já na rua de baixo o pessoal ficava em frente a casa de Dona Sinhá, onde tinha um largo.

Os meninos ficavam gritando uns com os outros: “*Dá linha, rua de baixo. Dá linha, rua de cima*”. A gente tentava laçar a linha um dos outros, mas naquele tempo não tinha linha chilena, nem pó de vidro para fazer cerol. Quem tinha a linha mais nova acabava ganhando de quem tinha linha emendada.

Eu, que tinha cara de santo, mas era muito levado, descia da rua de cima pelo “*buraquinho*”, que hoje é uma rua chamada Gabriel Palermo. Seguia até a rua de baixo e ficava quietinho, perto dos outros meninos, que não desconfiavam que minha intenção era pegar os *papagaio*s que eles cortassem da rua de cima. Quando o papagaio caía eu pegava e subia correndo de volta pelo caminho do “*buraquinho*”. Uma vez, Edinho, filho de Dona Sinhá, vinha puxando um papagaio que ele tinha laçado, recolhendo a linha com uma manivela, do tipo que a gente mesmo fazia. Eu fiquei esperando o papagaio descer até a “boca da manivela” e peguei. Tomei uma manivelada nas costas, mas consegui fugir de novo! *Corria pra danar!*

II - A vida no quilombo

Antigamente, aqui no Bairro de Fátima não tinha nem rua direito, havia apenas uns trilhos, por onde passavam as tropas de burro. Só tinha praticamente aquelas que a gente chamava de ruas de cima e de baixo. Raras eram as casas que tinham luz elétrica. Quando tinha, só durava até as 18 horas, depois disso acabava a luz.

Água era só no chafariz ou nas minas. Geralmente a gente buscava nas casas das vizinhas, Dona Sinhá e Dona Tereza. A gente gostava mais da água lá do fundo da casa de Dona Tereza, a mina lá era maior e a água muito especial. A região do córrego era cheia de minas. Tudo acabou com a urbanização...

Outra fonte de água era a lagoa do Passa Cinco, uma grande área verde que faz parte do nosso quilombo. Mas essa água chegava para poucas pessoas. A maioria ia até as minas ou aos chafarizes mesmo.

Havia vários chafarizes por aqui. Tinha o da rua Bom Jesus; o do beco, que fica bem do lado da capela; outro perto da casa de Dona Maria Pereira, bem na curva depois do largo da capela; e outro, na porta da casa do Sô Cândido, bem na porta lá do cemitério. Os de Dona Maria e Sô Cândido eram



os melhores. No *Sô Cândido* parecia natural de tanta água que saía.

Todos os caminhos da comunidade eram de terra. Passavam por aqui tropas de mula, que vinham de fazendas *prá lá* do Passa Cinco, carregando lenha, leite e outras coisas. Tinha também vendedores que passavam vendendo galinhas penduradas num pedaço de pau, além de ovo, carne e até leitóezinhos dentro de balaios. Um desses vendedores era o *Sô Santo*, um homem preto muito tranquilo, que guia uma mula.

O problema é quando chovia: isso aqui virava barro puro! Quando a gente precisava descer para a cidade, no alto da rua José Mariano, já perto da entrada do quilombo, todo mundo parava para limpar os pés na casa de Maria Romualdo. A gente *chamava ela* de Dona Maria Remualda. Era uma senhora negra muito alta e rigorosa, mas todo mundo gostava muito dela. Sua casa era uma das primeiras que recebia as pessoas que desciam do *Sapé*. Parava todo mundo para lavar os pés em uma torneira nos fundos da casa para poder depois calçar os sapatos, que cada um levava num saco.

O Córrego Passa Cinco era limpo antigamente e costumávamos nadar e pescar nele. Tinha muito peixe. Descíamos o córrego grande, desde o moinho, perto da lagoa, até a rua Caraíbas, na altura da casa de Dona Maria Coroa. Ali, naquela parte, tinha até uma capelinha, tipo um oratório, de Santa Efigênia. Era uma pedra com um buraco escavado nela, onde hoje existe um sítio. Com a urbanização e abertura de ruas as minas acabaram e o próprio córrego ficou

poluído com muito esgoto, principalmente o que hoje vem de um Complexo Penitenciário.

Brincávamos muito no largo em frente à capela, onde, pela manhã, saía o “*caminhão de turma*”, caminhões do tipo “*pau de arara*”, que levavam as pessoas que trabalhavam no corte da cana ou na colheita do café.

As pessoas que formaram o quilombo vieram, principalmente, das regiões rurais no entorno de Ponte Nova, depois do fim da escravidão, sendo que parte continuou trabalhando em fazendas de café ou usinas de açúcar.

Mesmo sendo um pouco distante dos bairros da parte baixa da cidade e próximo da natureza, a prefeitura costumava proibir que a gente tirasse lenha ou pescasse lá no Passa Cinco. As pessoas precisavam, para construir suas casas, cozinhar e tudo mais, mas, ainda assim, proibiam. Mas tirávamos assim mesmo, tanto lenha quanto bambu, escondido. Fui muitas vezes pegar bambu e sapé para construção de casas na comunidade. Também era costume buscar lá ervas medicinais.

Infelizmente, houve muitas agressões contra a mata: fogo, derrubada de árvores para abertura de pasto e mesmo a construção recente do tal Complexo Penitenciário, que piorou muito a poluição do córrego...

A abertura de ruas de onde hoje é o bairro São Pedro aconteceu para receber famílias que foram desabrigadas pela enchente que aconteceu em 1979, lá na parte baixa da cida-

de. No meio disso o córrego foi assoreado, prejudicando as pessoas que cultivavam alimentos em suas margens, como foi o caso de meu pai.

Mas o pior mesmo foi a construção do presídio. O próprio governo invadiu tanto uma área de preservação ambiental, quanto um território quilombola. Com o presídio houve avanço da degradação ambiental e outros problemas que atingiram diretamente nossa comunidade.

Uma coisa que é interessante é que nosso quilombo fica em uma área dentro da cidade, diferente do que a maioria das pessoas imagina quando pensa em quilombolas. Na verdade, no início, aqui era longe da rua, era praticamente uma roça no meio desses morros, no meio do caminho para umas fazendas e sítios, mato puro. Hoje é tudo cidade.

Com a *certificação* de nosso território renovamos nossa missão de conscientizar nossa comunidade sobre a nossa história e nossos direitos. Mas esse é um processo complexo e muitas vezes lento.

O bairro mais próximo era o de Palmeiras e ficava bem longe. Com o tempo, nossa gente foi sendo empurrada *pra cá*. O mundo urbano foi empurrando a gente. Estábamos longe e a cidade foi chegando perto.

Isso pode ser sentido com a chegada de mais pessoas de fora na comunidade, o que aumenta nosso desafio em relação à preservação de nossas memórias. Muitas vezes, o poder público, em razão de enchentes que atingiram a cidade, dire-

cionou novos moradores para o território, a ponto de novos bairros terem nascido em seu redor, como São Pedro e Novo Horizonte. Antes, se a maioria veio da roça, os que vieram chegando já eram da cidade ou de áreas mais próximas, que vieram principalmente por terem sido atingidos por grandes enchentes, como a que aconteceu aqui em Ponte Nova no ano de 1979.

*Dê uma espiada no texto que vem a seguir, da **Tailane de Oliveira Dias** e do **Luiz Gustavo Santos Cota**, que fala mais um tiquinho sobre a história dos quilombos no Brasil.*

Os quilombos: ontem e hoje

Seu Pedrinho Catarino é um guardião da história e dos saberes da comunidade quilombola de Fátima e importante liderança política. A partir de suas memórias, a gente volta no tempo e conhece desde as origens da comunidade até atualmente. Mas, afinal de contas, o que é quilombo?

A palavra tem muitos significados. No passado, especificamente nos mais de 300 anos em que existiu a escravidão no Brasil, eram comunidades formadas, principalmente, por negros escravizados que fugiam do cativeiro em busca da liberdade. Documentos de época demonstram que, para as autoridades coloniais, a reunião de dois ou três escravizados fugidos já era considerada um quilombo... Nesse período, os quilombos eram vistos como ameaça à sociedade escravista.

Houve várias experiências de quilombos no Brasil, sendo que a de Palmares foi a que resistiu por mais tempo em nossa história, mais de 100 anos, demonstrando a rebeldia do povo negro contra as condições desumanas do sistema escravista. Palmares foi uma grande reunião de mocambos que existiram em um território imenso entre Pernambuco e Alagoas, desde 1597 até a primeira metade do século XVIII. A capacidade de organização dos quilombolas tornou possível que sobrevivessem por tanto tempo, até que fosse destruído pela Coroa Portuguesa.

Atualmente, a partir da constante mobilização da população negra, houve a ampliação da definição de quilombo. Desde o Decreto Federal nº4.887, de 2003, considera-se como tal as comunidades negras formadas antes ou após a abolição formal da escravidão, que ainda se mantêm unidas no presente por laços de parentesco ou tradições culturais, que remete a uma ancestralidade africana e afro-brasileira, preservando, assim, sua memória. Há quilombos tanto na cidade, quanto nas áreas rurais, sendo que todos representam a luta e a resistência do povo negro.



III - A luta do povo negro

Aqui em nosso território, começamos a organizar a luta do *movimento negro* entre 1987 e 1988. Em busca da valorização da cultura negra e conquista de nossos direitos, surgiu o Grupo Afro Ganga Zumba, em 1988. Tudo começou com um grupo de meninas do quilombo, Márcia, Mônica, Conceição, Ronilda, Cláudia, Rosângela; que participaram de um evento em um clube da cidade, quando apresentaram uma *dança afro*.

A apresentação gerou uma discussão sobre a necessidade de discutir a cultura, história e os direitos do povo negro, culminando com a criação do Ganga Zumba.

A Campanha da Fraternidade daquele ano, que fazia referência ao centenário da abolição, também colaborou para o avanço da discussão, mesmo que o preconceito seguisse muito forte, mesmo nas atividades religiosas católicas, com restrições impostas, por exemplo, ao congado.

Começamos a conversar com pessoas de outros territórios, a partir do *movimento social negro*.

Aos poucos, nos organizamos aqui na comunidade. O grupo cresceu muito, se solidificando, até conseguirmos a doação de recursos para uma sede própria, justamente no Largo. Como eu participava da antiga Pastoral do Menor, comecei a solicitar o apoio da *Arquidiocese de Mariana*, na época de Dom Luciano Mendes de Almeida. Ele nos ajudou a conseguir os recursos necessários para comprarmos o terreno onde a sede do Ganga Zumba foi construída.

Um tempão depois, entre 2006 e 2007, começamos a discutir nossa existência enquanto *comunidade quilombola*. Nós entramos em contato com a *Fundação Cultural Palmares* para entender melhor como funcionava esse negócio de *comunidade quilombola*. Nessa época eu participava de várias reuniões em Belo Horizonte e comecei a reparar que muita gente se identificava como *quilombola*.

De pouco em pouco, fui tentando entender melhor do que se tratava, até que, em uma dessas reuniões, estavam selecionando gente para um evento em Brasília. Quando começaram a eleger os representantes, pela primeira vez, me apresentei como *quilombola*! Ao invés de seguir com o pessoal do *movimento negro*, pela primeira vez eu me inseri na discussão quilombola. Conseguir ser eleito como suplente e depois acabei ficando como titular!

A partir da participação nessas reuniões, buscamos mais informações, até que enviamos uma carta para a *Fundação Cultural Palmares*, solicitando que enviasse uma equipe para nossa comunidade. Queríamos nosso reconhecimento como *comunidade quilombola*!

Deu certo! Enviaram uma equipe *pra cá*. Eles rodaram por tudo quanto é canto. Era um negócio muito sério: a gente, do Ganga Zumba, não podia participar das entrevistas que eram feitas na comunidade. Isso para evitar que houvesse qualquer interferência na conversa entre a comunidade e a equipe. No máximo, indicamos as pessoas mais velhas, todas com mais de 70 anos, que foram entrevistadas.

Um tempo depois chegou o comunicado que nossa comunidade havia sido reconhecida como quilombola. Era uma certificação da Fundação Cultural Palmares feita, na época, a partir de uma análise técnica. Hoje sei que os procedimentos são um pouco diferentes, é mais uma questão de *autoidentificação*.

A *certificação* foi essencial para que nosso povo voltasse a valorizar sua identidade e ancestralidade.

Naquela época, começamos a entender que éramos de fato uma comunidade quilombola na medida em que as memórias, as tradições, nossa ancestralidade, começaram a ser resgatadas.

Hoje temos uma *associação quilombola*, recentemente organizada, em 2021. A associação é uma exigência da *legislação* para que a comunidade possa ter acesso às políticas públicas destinadas à população quilombola.

Desde então avançamos muito, mas ainda existem muitos desafios. Hoje, por exemplo, o Ganga Zumba possui uma

estrutura que poucas *instituições não-governamentais* têm. Somos chamados para conversar com as pessoas e nas escolas sobre a história e a cultura do povo negro. O problema é que, geralmente, isso só acontece em novembro, próximo do Dia da Consciência Negra. Esse é um assunto para o ano todo e não apenas para uma data específica!

Estamos lutando para ampliar a visibilidade de nossa cultura e existência, mas o racismo ainda nos desafia. Venceremos!

*A seguir leia um texto, escrito pelo historiador **Luiz Gustavo**, que aqui chamamos de Gugu, que estica mais um bocadinho a conversa, falando das origens de toda nossa luta.*

As lutas negras: passado e presente

A luta da população negra no Brasil começou muito antes da abolição da escravidão. Desde os tempos coloniais, as pessoas escravizadas resistiram de diversas formas, fugindo, se aquilombando ou criando associações religiosas, como as chamadas Irmandades Negras, que garantiam que as pessoas pudessem receber apoio e preservassem sua espiritualidade.

Mesmo após o fim da escravidão, em 1888, o racismo persistiu, mas a população negra resistiu, criando organizações culturais e políticas, como a Frente Negra Brasileira, que lutava pelo reconhecimento de direitos. A luta foi difícil, sendo que na década de 1930, essas organizações chegaram a ser proibidas.

Na década de 1970 surgiu o Movimento Negro Unificado (MNU), renovando a luta contra o racismo, o que, na década seguinte, em conjunto com uma nova geração de historiadores, possibilitou que a história do povo negro começasse a ser valorizada e enxergada para além da escravidão, destacando o protagonismo da população negra na história do Brasil.

As pessoas negras começaram a ser reconhecidas como protagonistas de sua própria história, como foi o caso de Zumbi dos Palmares, e tantas outras pessoas, mesmo que anônimas. Tudo isso levou ao reconhecimento do dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi, em 1695, como o Dia da Consciência Negra, uma data que celebra a população negra como protagonista da construção do Brasil. A própria Constituição Federal, de 1988, reconheceu a importância da cultura afro-brasileira e dos quilombolas, tanto que hoje o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira é obrigatório em todas as escolas.

Essas conquistas são fruto da luta constante da população negra, que segue resistindo e reivindicando igualdade e reconhecimento na sociedade brasileira.



IV - Terra de negro é terra de festa

Aqui era um lugar festeiro! O Sapé era um lugar de festa! Terra de negro é terra de festa. O negro não fica parado chorando as chibatadas.

Tinha *quadrilha, congado, carnaval, os bailes* que eram organizados na sala das casas, mesmo sendo pequenas. Os bailes aconteciam sempre aos sábados ou domingos à noite.

Havia aqui dois congados. Um de *Sô Baiano* e outro de *Dona Quininha*. O primeiro acabou, com o tempo, se fundindo com o segundo. Quando criança costumava acompanhar o terno de Dona Quininha e de seu marido, o *Sô Jão*. Tudo acontecia no largo da capela.

Dona Quininha tinha muita energia, comandava todos, inclusive os homens. Percorriamos todo quilombo, até a venda do Patrício, e voltávamos.

Esqueci a maioria das músicas, mas uma que lembro diz o seguinte:

*Viva Maria no Céu
Viva Maria no Céu
Com o Rosário na mão
Contemplando o mistério*

Isso nunca saiu da minha cabeça. Essa eu guardei desde criança. Ia o congado na frente e a criançada pulando atrás. Lembro de Dona Quininha com a espada na mão, com o povo atrás, batendo os tambores.

Tudo acontecia no largo em frente à capela de Nossa Senhora de Fátima. Ali é o centro do quilombo. Saía de tudo: as rezas, as festas, as brigas, os jogos de *porrinha*.

Até hoje o largo é o centro de tudo. Lá está o “comércio forte”, a capela, a sede do Grupo Afro Ganga Zumba, a Escola, o posto de saúde e as festas.

Havia aqui duas escolas de samba: a *Acadêmicos do Morro* e a *Academia de Samba do Bairro de Fátima*, que tinha meu tio Lucas como um dos comandantes. Tinha uma rivalidade muito forte entre eles. De um lado, a *Academia de Samba* era muito organizada, de outro, a *Acadêmicos do Morro* tinha uma batida muito forte, era tipo um baque de maracatu, enquanto a outra lembrava a Mangueira, do Rio de Janeiro.

Depois de um tempo a rivalidade acabou sendo resolvida com a união dos dois grupos. Tudo aconteceu na porta da casa de Dona Sinhá em uma festa, marcada pela união das duas baterias. Os ensaios passaram a ocorrer no largo da capela.

Os cantos presentes no quilombo sempre remeteram à nossa realidade, da comunidade negra. Os trabalhadores que colhiam café e cortavam cana, especialmente as mulheres,

entoavam cantos de trabalho, que eram muitas vezes chamados de “*cantos do canavial*”.

Muito se foi ao longo do tempo. Tinha os *calangueiros*, que ficavam lá pra cima da capela, no alto da querosene (porque não tinha luz elétrica), disputando rimas, tipo um repente, parece também esses meninos do RAP hoje.

Um sujeito chamado Laudívino era danado no *calango*, falava e o outro respondia o verso. O povo que tocava uma sanfona que a gente chamava de “cabeça de égua”, que esticava pra *daná*, com os *caras* cantando e eu no meio, menino, achando tudo aquilo muito bonito.

Mesmo com muitos avanços, ao longo de tanto tempo, em pleno século XXI, ainda enfrentamos muito preconceito em relação à presença de nossa cultura em muitos espaços.

Confira a seguir o texto das amigas Aline Guerra, Carolina Martins, Lívia Monteiro e do amigo Jonatas Ribeiro, sobre a riqueza de nossas festas!

As memórias de Mestre Pedrinho revelam a diversidade de festas e práticas culturais negras no Brasil, difíceis de definir por sua riqueza de significados. Esses fenômenos ganham sentido quando vistos a partir dos saberes, valores, memórias e sociabilidades de quem os vive e os produzem.

As festas acompanham a história humana e constituem sujeitos sociais. Nesta reflexão, é importante considerar as múltiplas concepções de festa presentes nas memórias de Mestre Pedrinho, expressões de construção de identidades, preservação de memórias afrodiásporicas e luta contra o racismo, como bailes, congados, celebrações religiosas do catolicismo e as lutas políticas do Grupo Afro Ganga Zumba e ações do 20 de Novembro.

Assim, as memórias de Mestre Pedrinho, enraizadas nas vivências do Quilombo de Fátima, mostram que o conceito de festa encontra na pluralidade sua forma mais potente. Festas – especialmente as festas negras, como o carnaval, as celebrações afro-católicas, os congados, o associativismo negro e tantos outros fenômenos festivos do Brasil – são marcadores de ancestralidade e espaços de memórias e culturas negras. Essas manifestações se constituem como lugares de elaboração de valores civilizatórios próprios das populações negras, como a oralidade, a circularidade e a ancestralidade. Apresentam-se como expressões vivas de saberes e práticas afrodiáspóricas. Podemos considerar, nesse sentido, que as festas negras articulam percepções de história, memória e tradição, projetando aquilo que deve ser celebrado, valorizado, lembrado e, assim, reparado.

As festas negras não apenas constituem modos de luta das populações negras por existência, mas também são moldadas por essas lutas. Ao narrar as muitas formas de repressão aos fenômenos festivos da comunidade do Quilombo de Fátima, Mestre Pedrinho revela como as violências estiveram – e ainda estão – profundamente presentes no processo histórico de construção das festas negras na sociedade brasileira. Mestre Pedrinho e o Quilombo de Fátima ampliam a noção de patrimônio como proteção e reparação simbólica.

V - Território de fé

No meu tempo de criança havia aqui no quilombo um homem chamado *Sô Santana*. Na época a gente acompanhava esse homem em romarias, rezando ladinhas, pedindo que chovesse. Íamos, crianças e mulheres, até o Passa Cinco, que na época era longe, andando. Cada um tinha que levar uma lata vazia. Santana ia na frente, rezando.

Seguíamos até uma mina, que agora voltou a “*chorar*”, ou até a lagoa. Depois de encher as latas, voltávamos rezando até uma gameleira, considerada sagrada. Era um local de orações e oferendas aos orixás. Na verdade, são duas gameleiras: uma mais velha e outra mais nova. A mais nova ainda está toda frondosa, toda bonita!

Fora isso, havia várias cruzes no caminho, que sinalizavam o local onde alguém teria morrido. Em cada uma jogávamos um pouco de água. Quando chegávamos perto de um antigo moinho, onde as mulheres costumavam lavar roupa, já perto da comunidade, começava a chover.

Como éramos crianças, muitas vezes fazíamos muita bagunça. Com a bagunça *Sô Santana* acabava xingando a gente: “calá a boca, *cambada de capeta!*”. Mas a gente *amava ele!*



Havia ainda o *cruzeiro*, outro lugar sagrado. Era um espaço ainda mais sagrado do que a capela de Nossa Senhora de Fátima. Ficava em um espaço próximo à capela, em um morrinho.

Nunca foi fácil para nosso povo viver livremente sua espiritualidade. Além do preconceito contra as manifestações de matriz africana, mesmo o Congado enfrentou o racismo nos espaços da fé de nossa cidade. Nas primeiras vezes que o Ganga Zumba foi se apresentar nas igrejas, muitas pessoas saiam, dizendo que aquele não era lugar de *macumba*. Quando realizamos uma *Missa Conga* na Matriz de São Pedro, ao fim da celebração, algumas pessoas começaram a nos enxotar, dizendo que a missa de verdade tinha que começar, pois aquela não tinha validade. Mas conseguimos romper essas barreiras, principalmente através da Pastoral Afro-brasileira, mesmo com muita resistência dentro da Igreja.

Começamos a organizar a *Missa Conga* na esperança de resgatar o *Congado* em nossa comunidade, tendo à frente Dona Quininha, junto com o Ganga Zumba. Infelizmente Dona Quininha faleceu quando estávamos preparando um encontro de congados... A gente tinha pensado em fazer fora aqui da comunidade, lá na capela do Rosário, que fica no centro. Era uma questão de quebrar as barreiras de um lugar ainda muito elitizado, de enfrentar o preconceito e abraçar Nossa Senhora.

É uma tristeza que o congado tenha se enfraquecido ao longo do tempo e não termos mais por aqui. Cada um foi para um lado, muitos mudaram de religião.

A presença das religiões de matriz africana era muito mais visível antigamente pelas ruas do quilombo. Aos poucos, as pessoas começaram a procurar lugares mais distantes para cultuar os *orixás*, caboclos e os ancestrais. Antigamente, logo atrás da capela, havia um terreiro. Hoje muito dessa espiritualidade se encontra entre as benzedeiras mais velhas que vivem em nosso território.

A seguir o texto escrito pelos queridos historiadores Rhonnel Américo Silva e Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira, fala mais um tantinho sobre a importância de nossa religiosidade negra.

As lutas negras e as manifestações religiosas

A história de Mestre Pedrinho, marcada pela convivência com diferentes tradições religiosas, reflete a complexidade do cenário religioso no Brasil, especialmente no que diz respeito às religiões de matrizes africanas, como a umbanda, o candomblé e os festejos do congado. Essas tradições, ao longo da história, foram frequentemente marginalizadas e estigmatizadas devido a preconceitos enraizados e heranças colonialistas que as associavam a crenças “malignas” ou “diabólicas”.

Desde cedo, Mestre Pedrinho foi influenciado pelo catolicismo, uma religião que muitas vezes se sobreponha às práticas de origem africana, principalmente devido às pressões familiares e sociais. Porém, mesmo sob essa influência católica predominante, as expressões culturais e religiosas africanas se manifestavam em eventos como congados, terços comunitários, benzeções e outras celebrações religiosas.

A exemplo do bairro de Fátima, que se formou a partir de um quilombo, milhares de outros territórios semelhantes existem em nosso país. As religiões de matrizes africanas têm origem nas crenças dos negros escravizados que vieram para o Brasil durante a diáspora africana. Essas religiões devem ser respeitadas, assim como todo e qualquer segmento religioso presente na nossa nação, pois toda prática religiosa é assegurada por lei. O respeito às religiões de matrizes africanas não só faz parte da luta contra o racismo religioso e a discriminação racial, mas também da preservação dos valores e da cultura dos povos negros e afrodescendentes, que foram fundamentais para a formação da sociedade brasileira.

É necessário desconstruir a visão negativa que historicamente marginalizou culturas africanas. A decolonialidade é essencial para o reconhecimento da diversidade de saberes, cosmovisões e modos de vida que foram silenciadas ou oprimidas pelas estruturas de poder coloniais.

O tempo não tem conclusão: esperança no futuro

Tenho muita esperança no futuro, sempre tive. Sou um sonhador. Eu acredito que as coisas vão mudar para melhor no futuro. Aos poucos muita coisa já mudou, até mesmo algumas coisas que se referem ao tal do Estado. A gente já vê até ministras e ministros pretos, o que parecia ser impossível.

Apesar de muito problema, especialmente em relação ao preconceito, o racismo, acho que as leis, que até demoram para pegar, vão surtir efeito. As coisas vão se transformar para melhor. Nossa sociedade finalmente aceitará a diversidade, finalmente entenderá a necessidade de que haja equidade entre todos nós.

Não falta gente para transformar essa realidade, especialmente as mulheres, como acontece aqui em nossa comunidade. As mulheres geram a vida e transformam a realidade. Elas lutam e transformam o mundo. Elas criaram o Ganga Zumba! Elas são herdeiras de Dandara! Elas são as guerreiras do nosso quilombo!

Vivenciei muita coisa! É muita história, construída por muita gente!

Essa história continua! Axé!

Caderno didático

Luciano Magela Roza

Prezada professora e prezado professor, este caderno didático foi pensado para o seu trabalho em sala de aula com a obra “Do Sapé ao bairro de Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais.”

Trazemos aqui um conjunto de sugestões e encaminhamentos didáticos relacionados ao livro. Para tanto, buscamos dialogar com parte da legislação educacional comprometida com a efetivação de práticas antirracismo na escolarização básica. Neste sentido, destacamos o diálogo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e a Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ).

Para início de conversa: Gostaríamos de chamar a atenção para a centralidade do protagonismo narrativo de pessoas negras como um aspecto importante em uma educação antirracista. Na obra “Do Sapé ao bairro de Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais”, o fio das lembranças da comunidade quilombola de Fátima desenvolve-se a partir das lembranças do senhor Pedro

Catarino. Essas lembranças, organizadas na forma de narrativas em primeira pessoa, nos dão acesso a diferentes experiências ocorridas em variadas temporalidades vivenciadas pelo autor desde sua infância na comunidade, então chamada de Sapé, até a contemporaneidade. Pedrinho Catarino nos dá acesso a momentos de sua trajetória de vida e de luta protagonizado por um homem negro e quilombola. Neste sentido, é sugestivo que no trabalho pedagógico com o livro não desconsideremos que se trata de uma obra na qual o protagonismo negro encontra-se na própria escrita do livro como também no protagonismo das experiências históricas vivenciadas e compartilhadas com os(as) leitores(as). Essa é uma dimensão da obra importante para a compreensão da agência e da visibilidade da história dos povos negros em contexto da escolarização básica.

Temporalidades da comunidade quilombola de Fátima: Como é possível observar a passagem do tempo na comunidade de Fátima? O quilombo é uma comunidade resiliente ao tempo? Outro aspecto que a obra nos sensibiliza para sua potencialidade didática diz respeito às formas como a passagem do tempo ocorreram e têm ocorrido na comunidade de Fátima, segundo o olhar de Pedrinho. Em capítulos como “Quem sou e de onde venho” e “A vida no quilombo”, assim como em outras passagens, observamos que as ações do tempo estão presentes pela alteração do nome da comunidade, em práticas do cotidiano evidenciadas nas técnicas de construção das casas e na iluminação durante a noite, modificações na paisagem ambiental, especialmente relacionadas ao uso da água e dos recursos naturais da região, mudanças nas formas nas ocupações do mundo do trabalho, as transformações nos hábitos cotidianos dos moradores do

quilombo e o processo de urbanização, as festividades e os ritos religiosos, dentre outros.

O trabalho didático com os capítulos e/ou com trechos da obra que trazem elementos sobre a percepção de Pedrinho sobre a passagem do tempo na comunidade de Fátima, além de serem significativas para a compreensão sobre as temporalidades vivenciadas pela comunidade, pode instigar os(as) discentes a problematizarem o conceito de quilombo e da identidade quilombola. Quando consideramos que comunidades quilombolas como a de Fátima não são comunidades “paradas” e limitadas à determinada concepção de experiência quilombola circunscrita ao passado em contexto escravista, levamos para a escola básica a atualização do conceito de quilombo, assim como das populações que vivem contemporaneamente em tais territórios, ampliando a discussão para o entendimento da diversidade de vivências das comunidades remanescentes de quilombos.

Neste sentido, entendemos que essa sugestão possa contribuir para a ampliação da compreensão sobre as práticas socioculturais, políticas e econômicas das comunidades quilombolas em diferentes temporalidades, assim como possa ajudar no desenvolvimento de abordagens da temática quilombola na Educação Básica, entendidas como parte integrante da cultura e do patrimônio afro-brasileiro, cujo conhecimento é fundamental para a compreensão da memória, da história e da realidade brasileiras.

Quilombolas e trabalhadores(as): A diversidade de trabalhos e ocupações laborais presentes na comunidade é outro aspecto importante que pode ser observado no trabalho pedagógico em foco. Trabalhadores autônomos, vendedores ambulantes, ferroviários, dentre outros, são evidenciados na

prosa de Pedrinho e essa revelação nos ajuda a percebermos a diversidade de trabalhos realizados na comunidade quilombola de Fátima, aspecto relevante sobre a lugar de homens e mulheres negras no pós-abolição, contrapondo o lugar reservado aos afro-brasileiros na memória coletiva do país e na narrativa nacional, o que Mattos (2001) denominou de “lugar encapsulado”.

O quilombo de Fátima e suas conexões: As memórias de Pedrinho Catarino nos ajuda a levarmos para sala de aula a dimensão das relações dos quilombolas de Fátima como outros sujeitos e instituições em diferentes momentos da luta negra por direitos, empreendida a partir das duas últimas décadas do século XX. O processo de luta da população negra, especialmente, no contexto do centenário da abolição em 1988 e do retorno de governos civis, após 21 anos de ditadura civil-militar, é outro aspecto evidenciado nas memórias de Pedrinho. O autor destaca que o início das atividades do Grupo Afro Ganga Zumba ocorreu em 1988. Neste sentido, sugerimos que o trabalho pedagógico sobre esse tema possa evidenciar o papel da cultura como elemento estruturante nas estratégias da luta da população negra por valorização e por direitos. Assim como o Grupo Afro Ganga Zumba, outras coletividades negras organizavam-se e organizam-se tendo a cultura como bandeira de luta e como estratégia nas lutas por direitos na contemporaneidade brasileira.

Outro momento no qual as conexões dos quilombolas de Fátima são lembradas está relacionado ao processo de reconhecimento da comunidade como remanescentes de quilombos. A proposta do trabalho pedagógico que considere as conexões dos quilombolas em foco pode auxiliar os/as estudantes a compreenderem a dimensão histórica da luta por di-

reitos, especialmente os direitos da população negro-brasileira e quilombola, como parte da reconstrução e ampliação da vida democrática em processo, por momentos interrompido, desde o retorno de governos civis a partir dos anos 1980, e no qual os movimentos sociais negros são parte estruturante.

Cultura, patrimônio e experiência histórica quilombola: a interseção entre práticas culturais, laicas ou religiosas, a dimensão de patrimonialização de tais práticas e as vivências quilombolas é outra perspectiva do trabalho pedagógico que entendemos que o livro nos possibilita abordar. Os Capítulos “Terra de negro é terra de festa” e “Território de fé” apresentam muitos elementos para atividades didáticas com as temáticas apontadas.

Neste sentido, gostaríamos de pedir a atenção também para os planos da aula anexados nesta obra. Este material foi pensado para auxiliar práticas docentes na escola básica, especialmente no conteúdo de história nos anos finais do Ensino Fundamental. Os planos de aula apresentam o planejamento e as etapas para o desenvolvimento de temáticas tratados na obra “Do Sapé ao bairro de Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais” em diálogo direto com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além disso, o material traz um breve conjunto de publicações voltados para o aprofundamento da temática da aula na seção Referências bibliográficas.

Por fim, gostaríamos de lembrar que neste “Caderno didático” buscamos evidenciar aspectos relacionados ao conteúdo do nosso livro em diálogo com parte da legislação educacional voltada para o desenvolvimento de práticas antirracismo em contexto escolar. Assim, trata-se de recomendações para as abordagens das memórias de Pedrinho,

que não esgotam as diversas possibilidades das(os) docentes da educação básica encantarem e reencantarem as lembranças das experiências históricas negras de Pedrinho e do Quilombo de Fátima.

Planos de Aula

Lutas e Movimentos Negros

Luiz Gustavo Santos Cota

Ano: 9º ano do Ensino Fundamental

Título: A luta e resistência do povo negro: do passado ao presente

Unidade temática:

Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946

Objetos do conhecimento:

- A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.)
- A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais
- Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira
- A questão da violência contra populações marginalizadas

Habilidades da BNCC:

- **(EF09HI23)** Identificar direitos civis, políticos e sociais expressos na Constituição de 1988 e relacioná-los à noção de cidadania e ao pacto da sociedade brasileira de combate a diversas formas de preconceito, como o racismo.
- **(EF09HI24)** Analisar as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais, identificando questões prioritárias para a promoção da cidadania e dos valores democráticos.
- **(EF09HI25)** Relacionar as transformações da sociedade brasileira aos protagonismos da sociedade civil após 1989.
- **(EF09HI26)** Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

Objetivos:

- Reconhecer a luta histórica da população negra no Brasil, especialmente a partir do período de redemocratização do Brasil.
- Discutir a importância do reconhecimento do protagonismo dos movimentos negros na luta pela construção da cidadania e valorização do patrimônio, história e memórias afrodescendentes.
- Relacionar o surgimento de organizações culturais e políticas negras com o combate ao racismo e à desigualdade.
- Refletir sobre a importância de tratar a temática negra ao longo de todo o ano letivo, e não apenas em datas comemorativas.

Recursos:

- Livro paradidático: “Do Sapé à Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais”, com recorte para o capítulo “A luta do povo negro” e *box* “As Lutas Negras: passado e presente”.
- Texto “Movimento negro se torna mais visível: Entidades boicotam celebrações oficiais no centenário da abolição”, disponível na plataforma Memorial da Democracia¹.
- Samba enredo “Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão?”, da Estação Primeira de Mangueira (1988)
- Samba enredo “Kizomba, festa da Raça”, da Unidos de Vila Isabel (1988)

Tempo: 5 horas/aulas.

1ª hora/aula:

Solicite à turma que realize a leitura *box* “As Lutas Negras: passado e presente”. Terminada a leitura, questione os estudantes se eles tinham conhecimento das informações compartilhadas pelo texto, especialmente no que se refere à organização das lutas negras ao longo do tempo, desde o imediato pós-abolição até o presente, passando pela construção da Constituição Federal de 1988. Por fim, divida a turma em pequenos grupos e peça aos estudantes que relatem, por escrito, se eles percebem, em seu cotidiano, a presença dos movimentos negros organizados, quais atividades desenvolvem, bem como se percebem sinais de avanço dos direitos em cidadania da população negra, ou, por outro lado, a persistência de negações à plena cidadania.

1. <https://memoraldademocracia.com.br/card/movimento-negro-se-torna-mais-visivel>

2^a hora/aula:

Rememore brevemente as discussões construídas na aula anterior. A partir da leitura do texto “Movimento negro se torna mais visível”, chame atenção dos estudantes para o fato de a história das lutas negras ter sido negligenciada por muito tempo, bem como os afeitos de suas ações. Comente o fato de o centenário da abolição formal da escravidão, em 1988, ter ocorrido no mesmo ano da promulgação da última Constituição Federal, contando com a atuação decisiva dos movimentos negros.

A seguir, apresente os sambas enredo “Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão?”, da Estação Primeira de Mangueira, e “Kizomba, festa da Raça”, da Unidos de Vila Isabel, ambos de 1988. Peça aos grupos formados na aula anterior para analisarem as correlações entre os sambas e o contexto político, questionando a maneira como articulam a ação negra por direitos, ao mesmo tempo que apresentam personagens negras como protagonistas da história, ao contrário das narrativas tradicionais.

3^a hora/aula:

Realize, junto com os estudantes, a leitura do capítulo “A luta do povo negro”, que apresenta, a partir das memórias do Sr. Pedrinho Catarino, a organização das lutas negras a partir da comunidade quilombola do Bairro de Fátima, em Ponte Nova, Minas Gerais. Dialogue com a turma e questione sobre como compreenderam a narrativa e como ela se articula com as informações anteriormente discutidas, no que se refere à organização de movimentos negros, como a organização

de entidades, como o Grupo Afro Ganga Zumba. Solicite aos grupos a indicação, por escrito, de experiências que se assemelhem àquela compartilhada pelo Sr. Pedrinho em outras regiões do país, procurando verificar suas singularidades e experiências.

4^a e 5^a horas/aulas:

A partir das informações discutidas nas aulas anteriores, solicite aos grupos a construção de produtos culturais que representem as lutas negras, incluindo as rememoradas pelo Sr. Pedrinho. Dentre as possibilidades, indique a escrita de poesias, sambas, RAPs, funks ou outras formas artísticas. Reinforce que as produções devem apresentar elementos como o protagonismo negro na história, as ações dos movimentos negros organizados, as conquistas de direitos em cidadania e os desafios ainda persistentes no tempo presente.

Na última aula, peça que os grupos compartilhem sua produção com a turma e dialogue sobre os elementos apresentados. Por fim, sugira a organização de uma exposição virtual do material em um perfil de rede social digital, de forma socializar o conhecimento construído.

Avaliação:

- Participação nas discussões em grupo.
- Compreensão dos processos históricos discutidos, a partir dos materiais escritos e audiovisuais compartilhados.
- Desenvolvimento dos produtos culturais correlacionados ao tema discutido.

Quilombos

Tailane de Oliveira Dias

Ano: 9º ano

Título: Passado, presente e futuro de um quilombo urbano

Unidade temática: A história recente

Objetos do conhecimento:

- A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição;
- Os movimentos sociais e a imprensa negra: a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações.

Habilidades da BNCC:

- **(EF09HI03)** Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.
- **(EF09HI05)** Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.
- **(EF09HI09)** Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

Objetivos:

- Mapear as condições de vida no quilombo de Fátima no

- pós-abolição e problematizar esse longo período histórico;
- Compreender as transformações sofridas no tempo pelo quilombo urbano de Fátima;
 - Discutir a importância da memória como fonte histórica;
 - Discutir a ressemantização do conceito de quilombo;
 - Discutir os desafios enfrentados na atualidade pela comunidade quilombola de Fátima;
 - Problematizar racismo ambiental;
 - Desenvolver a capacidade de mobilização e de comunicação dos alunos a partir do tema em questão.

Recursos:

- Livro paradidático: “Do Sapé à Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais”, especificamente os capítulos: “Quem sou eu e de onde venho”; “A vida no quilombo” e “A luta do povo negro”;
- Entrevistas com moradores do quilombo;
- Fotos e imagens antigas e atuais do quilombo de Fátima;
- Roteiro “Lugares de Memória do quilombo de Fátima”, disponível no site do projeto “Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas de Minas Gerais”.

Tempo: 6 horas/aulas (2 semanas)

1ª hora/aula:

Leitura dos capítulos “Quem sou eu e de onde venho”; “A vida no quilombo” e “A luta do povo negro”. A sugestão é que as discussões sejam orientadas para que os alunos reflitam sobre a formação da comunidade no contexto do pós-abolição, pensando na sua formação até as lutas no presente e os desafios futuros, a partir da problematização dos concei-

tos de: i) pós-abolição; ii) memória como fonte histórica; iii) quilombos: no passado escravista e atualmente; iv) racismo ambiental.

2^a a 5^a horas/aula:

- Utilização dos capítulos citados como fonte de pesquisa para criação de um jornal sobre o quilombo de Fátima. Sugere-se o título: “Passado, presente e futuro do quilombo urbano de Fátima”, como manchete. O professor deve estimular a criatividade dos alunos para confecção deste material. Como sugestão, eles podem dividir o jornal em seções (exemplo: Vida no quilombo, reportagem de capa, artigos de opinião, lutas no quilombo de Fátima etc.). Os alunos devem se organizar em grupos, assim, cada grupo pode ficar com uma das seções sugeridas.
- Para os alunos de escolas de Ponte Nova, sugere-se o desenvolvimento de uma pesquisa com moradores do quilombo e da cidade sobre fotos antigas e recentes da comunidade, bem como de mapeamento dos lugares de memória do quilombo, disponível no site do projeto “Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas de Minas Gerais”². A ideia é que os alunos utilizem as memórias do Sr. Pedrinho Catarino em relação às mudanças da paisagem do quilombo de Fátima, identificando a oposição entre: memórias da vida em um ambiente rural no passado x urbanização e problemas ambientais e sociais no presente. Neste ponto, discutir o conceito de racismo ambiental.
- Já para os alunos de escolas de outros municípios, a sugestão é que o jornal seja realizado com as memórias do Sr.

2. <https://hmg.passadospresentes.quijaua.com.br/ensino/category/lugares-de-memoria/>

Pedrinho e a pesquisa no site mencionado. Já para alunos de escolas quilombolas, pode-se desenvolver esse mesmo trabalho, comparando com a realidade da sua comunidade.

- Confecção do jornal.

6^a hora/aula:

- Apresentação do jornal na escola. Sugere-se que sejam convidados alguns moradores do quilombo de Fátima para uma roda de conversa sobre o trabalho desenvolvido.

Avaliação:

- Habilidade em trabalhar com fontes históricas;
- Compreensão do processo histórico de formação do quilombo de Fátima;
- Diálogo e respeito no desenvolvimento do trabalho em grupo;
- Desenvolvimento da comunicação e da escrita.

Festas e sociabilidades

*Aline Guerra
Carolina Martins
Lívia Monteiro
Jonatas Ribeiro*

Ano: 5º Ano

Título: Festas, sociabilidades, patrimônios imateriais e lugares de memória negra e afro-indígena no quilombo de Fátima

Unidade temática: A história recente

Objetos do conhecimento:

Identificar e compreender os conceitos de patrimônios imateriais e lugares de memórias através das festas e sociabilidades negras e afro-indígenas em quilombos urbanos.

Habilidades da BNCC:

- **(EF05HI10)** Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar as mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.

Objetivos:

- Aprender sobre as festas e celebrações negras e afro-indígenas realizadas no quilombo urbano de Fátima em Ponte Nova – MG;
- Conceituar sobre patrimônios imateriais e lugares de me-

- mórias das comunidades negras e afro-indígenas, com recorte para o quilombo de Fátima;
- Refletir sobre a importância da valorização e o respeito aos patrimônios imateriais festivos e as sociabilidades do quilombo de Fátima.

Recursos:

- Livro paradidático: “Do Sapé à Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais”, com recorte para o capítulo “Terra de Negro é Terra de Festa”, que trata das festas e sociabilidades;
- Roteiro “Lugares de Memória do quilombo de Fátima”, disponível no site do projeto “Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas de Minas Gerais”³:

Tempo: 3 horas/aulas

1^a hora/aula: Lugares de memórias festivos

Visita à sede da Casa Ganga Zumba, sede da entidade socio-cultural e educativa fundada em 1988, e espaço central das ações do movimento quilombola do bairro de Fátima, e visita à capela Nossa Senhora de Fátima, templo religioso católico onde são realizados alguns dos festejos da comunidade. Nesses dois territórios, o(a) professor(a) deverá orientar os/as estudantes para o conceito de lugares de memória a partir da ideia dos marcadores dos espaços voltados para as questões da ancestralidade, oralidade e locais enraizados de vivências festivas da comunidade.

2^a hora/aula: Convidar as lideranças do quilombo para con-

3. <https://hmg.passadospresentes.quijaua.com.br/ensino/category/lugares-de-memoria/>

tar sobre as memórias das festas, lazer e sociabilidades na comunidade. Caso não seja possível essa presença na escola, pode-se utilizar as entrevistas realizadas com a liderança do quilombo, sr. Pedrinho Catarino, disponível no site do projeto Passados Presentes, especialmente a que trata sobre as festas e sociabilidades.

A partir dessa aula, que poderá ser realizada em círculo, sugere-se uma atividade extraclasse, com a turma dividida sobre os temas e a realização de entrevistas com os moradores mais antigos da comunidade para saber mais sobre as seguintes manifestações: festas dos congados, bailes, rezas e novenas e escolas de samba (caso tenha mais manifestações, o(a) professor(a) poderá incorporar nessa divisão temática e auxiliar os(as) estudantes para a composição do questionário das entrevistas). Sugere-se que os grupos tragam desenhos, a partir das conversas e pesquisas sobre essas manifestações, para serem apresentados na próxima aula.

3^a hora/aula: Apresentação dos desenhos realizados pelos grupos e discussão da atividade a partir do conceito de patrimônio imaterial e a importância da preservação e valorização dos festejos e formas de sociabilidades da comunidade. Sugere-se a criação de um varal artístico dos patrimônios imateriais para exibição dos desenhos, construídos coletivamente pelos estudantes e professores(as).

Avaliação:

- Participação em sala de aula a partir das atividades.
- Desenvolvimento do trabalho através dos pontos solicitados na atividade.

Religiosidades

Rhonnel Américo Silva

Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira

Ano: 9º Ano

Título: A existência das manifestações religiosas negras ou afro-indígenas na nossa cidade

Unidade temática: A história recente

Objetos do conhecimento: Pluralidades e diversidades identitárias na atualidade

Habilidades da BNCC:

- **(EF09HI36)** Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência.

Objetivo:

- Compreender o que são religiões de matrizes africanas;
- Analisar as influências das religiões de matrizes africanas na formação da identidade brasileira e da sua região;
- Refletir sobre a decolonialidade e a diversidade religiosa;
- Refletir sobre o racismo religioso e intolerância religiosa;
- Identificar quais as manifestações religiosas negras ou afro-indígenas existem na cidade ou na região;

Recursos:

- Livro paradidático: “Do Sapé à Fátima: memórias de uma comunidade quilombola de Minas Gerais”.
- Impressão dos textos “Território de fé” e “As Lutas Negras e as Manifestações Religiosas” do livro paradidático “Do Sapé à Fátima: memórias da comunidade quilombola do Bairro de Fátima”.
- Matérias jornalísticas sobre intolerância religiosa e racismo religioso.
- Cartazes, papel, celular.
- Se possível, convidar algum membro de religião de matriz africana ou afro-brasileira para falar a respeito de sua religiosidade.

Tempo: 3 horas/aulas

1^a hora/aula: Leitura e discussão dos textos “Território de fé” e “As Lutas Negras e as Manifestações Religiosas” do livro paradidático “Do Sapé à Fátima: memórias da comunidade quilombola do Bairro de Fátima”. Discuta com os alunos sobre a diversidade religiosa, abordando sobre as religiões de matrizes africanas e manifestações religiosas afro-brasileiras no Brasil, como o candomblé, umbanda, congadas, reinados entre outros.

2^a hora/aula: Realize uma discussão sobre os conceitos de diversidade religiosa, decolonialidade, intolerância religiosa e racismo religioso, apresente matérias jornalísticas que abordem esses temas. Dê preferência para os casos que aconteceram na sua cidade ou região para mostrar que o racismo religioso é uma realidade presente na comunidade dos alunos.

Em seguida, explique sobre a atividade avaliativa. Divida os alunos em grupos, peça para que identifiquem na sua comunidade, os lugares, colegas, amigos ou familiares que fazem parte ou praticam religiões de matriz africana ou manifestações afro-brasileiras. Os alunos devem elaborar um material que valorize a importância das diversas manifestações religiosas negras e afro-indígenas de sua cidade ou região. Vale ressaltar que se a pessoa não ficar à vontade para se identificar, ela poderá participar de forma anônima. E caso, os alunos não encontrem essas pessoas, eles podem usar exemplos de pessoas famosas que pertencem e que praticam as religiões de matriz africana.

A atividade pode ser feita por meio de cartazes, artigos, entrevistas ou vídeos, contudo, o conteúdo deve conter os seguintes pontos como:

1. a importância do espaço religioso e/ou o que a religião ou manifestação religiosa representa para esta pessoa;
2. apresentar o significado de alguma história, conto, cantiga referente ao lugar ou prática religiosa escolhidos;
3. apresentar os desafios e dificuldades que as pessoas enfrentam por vivenciarem as religiões de matriz africana ou manifestações afro-brasileiras na sua comunidade;
4. apresentar formas para combater o racismo religioso na sua comunidade.

3^a hora/aula: Apresentação dos trabalhos dos grupos e discussão da atividade.

Avaliação:

- Participação em sala de aula a partir dos debates e atividades.

- Pedir para que os alunos reflitam sobre a importância de respeitar e valorizar as diferentes manifestações religiosas e culturais negra e afro-indígenas na sua comunidade.
- Desenvolvimento do trabalho através dos pontos solicitados na atividade.

Glossário afrorreferenciado

*Luiz Gustavo Santos Cota
Lilian Alexandra Santos Pinto
Raíssa Santos Valeriano*

Abolição

Ato de abolir, extinguir ou eliminar; no contexto histórico, refere-se ao fim formal da escravidão no Brasil, em 13 de maio de 1888.

Afro-brasileiro

Termo que se refere às culturas de origem africana ressignificadas em território brasileiro a partir de sua junção e/ou transformação com as culturas europeia e indígenas.

Afro-católico

Conjunto de práticas religiosas surgidas da junção de diferentes elementos espirituais africanos com a religiosidade católica, tais como os congados e outras manifestações.

Afrodiáspórico

Termo usado para designar a relação de algo com o processo dispersão forçada de sujeitos africanos no mundo, especialmente entre os séculos XVI e XIX, via escravidão moderna.

Afrodescendentes

Sujeitos que são descendentes de africanos.

Alforriadas

Referente a pessoas, no âmbito da escravidão, que conquistaram sua liberdade por meio de alforria, ou seja, pela concessão de carta de liberdade. A alforria podia ser obtida de diferentes maneiras: a partir da concessão feita em testamento; pela compra, a partir de economias acumuladas pela pessoa; por via judicial, especialmente quando havia elementos que indicavam a existência de escravização ilegal; dentre outras possibilidades, sendo que todas representam diferentes estratégias de resistência à escravidão.

Ancestralidade

Conexão cultural, histórica e espiritual com os antepassados.

Associativismo Negro

Termo que se refere à diferentes formas de organização de pessoas negras ao longo do tempo, desde as irmandades, clubes, associações ou mesmo a Frente Negra Brasileira. O objetivo de tais iniciativas era a organização da luta pela promoção de direitos e igualdade para a população negra brasileira.

Aquilombamento

Ato de se reunir comunitariamente em comunidades quilombolas. De acordo com Abdias Nascimento, o aquilombamento poderia ser também identificado como “quilombismo”, expressão para se referir a coletivos e organizações que lutam por direitos, dignidade e preservação das tradições afro-brasileiras.

Autoidentificação

Ato de reconhecer sua própria identidade, seja de viés cultural, racial, de gênero ou qualquer outra.

Autorreconhecimento

Ato de uma pessoa ou grupo reconhecer sua própria identidade, valores e cultura.

Benzeções

As benzeções, são rezas praticadas por rezadeiras e rezadores, com o objetivo de cura. Seja no aspecto espiritual, quando a pessoa deseja um equilíbrio espiritual, um conforto em momentos difíceis, defesa contra males espirituais, como o “mal olhado”; ou no físico, quando a pessoa busca na reza cura para males do corpo.

Calango

Manifestação musical presente no sudeste brasileiro em que “cantadores” se desafiam em versos, acompanhados por instrumentos como sanfona, viola e pandeiro. Também pode se apresentar na forma de baile, com a dança organizada em pares, com execução de palmas e movimentos simples.

Calangueiros

Praticantes do calango, especialmente “cantadores” especializados na composição improvisada de versos, entoados muitas vezes na forma de desafio a um outro cantador.

Cantos de Canavial

Tipo de canto de trabalho, entoados por cortadores de cana-de-açúcar, ligados às usinas da Zona da Mata mineira, também chamados de cantos de calamboteiros. O “calambote” (ou caboje) é o nome que se dá ao gomo mais alto da cana-de-açúcar, cortado para acelerar a germinação de uma

nova planta quando houver o plantio. Há possibilidade de o termo “caboje” ser derivado de “caborje”, cujos significados estão ligados à atos de “feitiço” ou “bruxaria”.

Conforme observado por Aires da Mata Machado Filho, os cantos de trabalho, na região de São João da Chapada (Vale do Jequitinhonha), são conhecidos como “vissungos”, expressão derivada da palavra “ovisungo”, do idioma quimbundo, falado por povos Bantu (África centro-ocidental), que significa “canto”. Uma possível variação dos vissungos entoados nas Minas Gerais são os “canjerês”, que também se apresentam como dança, cujo sentido estaria ligado à espiritualidade, identificado pelos colonizadores como “fetichismo”, ou seja, “feitiços” ou práticas mágicas. Nesse caso, haveria uma possível correlação entre os “canjerês” e os “cantos de calamboeiros”, não apenas como parte das práticas de culturais relacionadas ao trabalho, desde os tempos de escravidão, mas também por sua possível dimensão mágico-religiosa.

Cativeiro

Condição de privação de liberdade; no contexto da escravidão, refere-se à situação de pessoas escravizadas.

Candomblé

Conjunto de cultos de matriz africana, de caráter misto entre o politeísmo e o monoteísmo, já que se acredita na existência de uma divindade suprema, havendo abaixo dela, hierarquicamente, outras divindades que se apresentam como intermediárias no contato com a humanidade. No Brasil os candomblés representam a presença de práticas espirituais de diferentes origens étnico-culturais transformadas a partir da experiência afrodiáspórica.

Apesar de haver um destaque mais marcante para as práticas espirituais de origem dos povos Iorubá, também identificadas como “Ketu”, caracterizadas pelo culto aos Orixás, existem outras duas “linhagens” que apresentam singularidades quanto aos rituais e fundamentos. A tradição “Jeje”, de origem dos povos Fon, é caracterizado pelo culto aos Voduns, divindades associadas à natureza e que podem ter ou não vivido na Terra, sendo muitas vezes representadas por animais, como o vodum Dangbè, representada como uma serpente. Já a tradição Angola se refere aos povos Bantu, região centro-ocidental africana, cuja característica se dá pelo culto aos Nkises (Inquices), divindades que assim como os Orixás nunca tiveram vida na Terra, sendo compreendidos como sendo as próprias forças da natureza.

Em cada vertente (ou nação) há uma divindade suprema: Olodumare (Ketu), Mawu (Jeje) e Nzambi/Zambiapongo (Angola).

Certificação

Reconhecimento oficial de uma comunidade quilombola, realizado pela Fundação Cultural Palmares, “segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

Congados

Manifestações culturais também nomeadas de Reinado, Congos ou Congadas, se referem à representação da coroação de reis africanos em meio às comemorações e homenagens rendidas aos santos de devoção dos negros/escraviza-

dos, como Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês, além do Divino Espírito Santo. Teria sua origem em fins do século XV, período de início do processo de cristianização do reino do Congo, África Centro-Oeste, região que forneceu a maior parte dos cativos vindos especialmente para o sudeste brasileiro.

Constituição

Conjunto de leis fundamentais que regem um país, estabelecendo direitos e deveres dos cidadãos e dos governantes.

Coroa Portuguesa

Refere-se à monarquia de Portugal, que governou o território correspondente ao Brasil durante o período colonial, entre 1500 e 1822.

Dandara

Companheira de Zumbi dos Palmares, cuja história representa a presença e força femininas no quilombo e na luta contra a escravidão.

Decolonialidade

Decolonialidade, ou pensamento decolonial, representa uma perspectiva crítica em relação aos processos de dominação colonial, buscando sua superação de seus efeitos, especialmente na produção do conhecimento, valorizando-se outras formas de pensar a realidade, tais como os saberes de matriz africana e indígena.

Diáspora Africana

Diáspora africana, é o termo usado em locais para onde ocorreram a imigração forçada (tráfico) de sujeitos africanos.

Deste modo, entendemos que o Brasil faz parte da diáspora africana.

Discriminação racial

Ato de violar os direitos de outro sujeito com base no viés racial.

Escravo/escravizado

O termo escravo era comumente utilizado para classificar as pessoas escravizadas, traficadas a partir de diferentes regiões do continente africano. A diferença entre os termos, nas palavras de Grada Kilomba, é que o termo escravo descreve um processo de desumanização das pessoas que foram escravizadas, naturalizando sua condição; enquanto escravizado, indica o reconhecimento de um “processo político de desumanização” através da escravidão. Deste modo, compreende-se que nenhum sujeito nascia para ser escravo, porém eram escravizados.

Frente Negra Brasileira

A Frente Negra (FNB) foi fundada em 1931, em São Paulo, objetivando a completa integração dos negros à sociedade brasileira. A importância da FNB foi tão grande que ela acabou se transformando em um partido político no ano de 1936, com objetivo de representar politicamente a população negra, sendo extinta no ano seguinte a partir da instauração da ditadura do “Estado Novo”, comandado por Getúlio Vargas. A FNB chegou a contar com cerca de 100 mil membros espalhados pelo Brasil, congregando pessoas negras de diferentes origens, lutando ainda por educação e acesso ao trabalho digno.

Fugidos

Pessoas escravizadas que escaparam do cativeiro.

Fundação Cultural Palmares

Instituição brasileira dedicada à preservação e promoção da cultura afro-brasileira, criada em 22 de agosto de 1988. A Fundação é a principal responsável pelos processos de reconhecimento dos territórios quilombolas no Brasil.

Ganga Zumba

Líder histórico do Quilombo dos Palmares, considerado o primeiro grande chefe da comunidade.

Também se refere ao nome do grupo afro fundado em 1988 na comunidade quilombola do Bairro de Fátima, em Ponte Nova, Minas Gerais. O Grupo Afro Ganga Zumba é uma entidade sem fins lucrativos que surgiu com objetivo de resgatar as raízes culturais afro-brasileira, especialmente do Bairro de Fátima e comunidades adjacentes, atuando como agente modificador da realidade local.

Guardião

Pessoa ou entidade responsável por proteger ou preservar algo.

Irmandades Negras

Irmandades negras podem ser definidas como associações de pessoas negras (escravizadas, alforriadas ou livres) que se reuniam tanto para a prática da devoção de um santo, quanto para se organizarem socialmente, a fim de garantir aos membros diferentes auxílios, como a busca da alforria, um funeral digno, além de outros auxílios materiais. Dentre as irmandades

des negras, se destacam os cultos em torno de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, São Elesbão, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês.

Macumba

Expressão correntemente utilizada, de forma pejorativa e discriminatória, para designar elementos que façam referência às tradições religiosas e/ou espirituais de matriz africana ou afro-indígena. De outro lado, o termo tem sido reappropriado, especialmente por uma parcela dos praticantes da Umbanda, no sentido de refletir o complexo e diverso conjunto de rituais a que a religião se refere.

Missa Conga

Ritual sincrético que mescla elementos da cultura católica e dos rituais afro-brasileiros, especialmente aqueles relacionados aos Congados e Reinados.

Movimento Negro Unificado

O Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (MUCDR), posteriormente conhecido como Movimento Negro Unificado (MNU), foi fundado em 1978, cujo objetivo central era a luta contra a discriminação racial.

Movimento social negro

Conjunto de ações e grupos que realizam a luta contra o racismo, em busca da igualdade racial e de direitos para a população negra no Brasil.

Orixás

Divindades pertencentes aos cultos espirituais de origem Iorubá, que realizam a intermediação entre os seres humanos

e a divindade suprema, Olodumaré. Estão presentes no candomblé brasileiro identificado como nação Ketu.

Palmares

Quilombo histórico situado no Brasil colonial, conhecido pela resistência contra a escravidão.

Prendas do lar

Termo que se refere ao trabalho doméstico feminino. Trata-se de uma atividade não-remunerada e naturalizada como uma “missão” da esposa: cuidar da casa, dos filhos e do marido.

Racismo

Ato de discriminação com base na sua origem racial de uma pessoa. Classificado no Brasil como um crime inafiançável e imprescritível previsto na Lei Nº 7.716/1989.

Racismo religioso

Ato de discriminação racial dirigido às manifestações religiosas afro-brasileiras ou de matriz africana.

Religiões de Matriz Africana

Religiões de Matrizes Africanas, no cenário brasileiro são religiões e/ou cultos que possuem como bases centrais a influência de tradições espirituais do continente Africano. As matrizes religiosas africanas são ricas e diversas culturalmente, sendo que no Brasil se somaram com outras influências religiosas, sejam europeias ou indígenas. Deste modo, surgiram práticas religiosas singulares e, ao mesmo tempo, diversas, compostas por diferentes práticas ritualísticas.

Sapé

Planta também conhecida como sapê, capim-sapé ou juçapé, que, quando seca, era muito utilizada no passado para servir de cobertura de casas.

Quilombola

Pessoa pertencente a comunidades remanescentes de quilombos, ou seja, territórios formados por pessoas negras fugidas da escravidão.

Quilombo

No passado, comunidade formada por pessoas negras que fugiram da escravidão e estabeleceram territórios livres. No presente, comunidade formada por pessoas negras descendentes de escravizadas.

Para além do Quilombo, que se refere ao espaço físico (território pertencente às comunidades quilombolas tradicionais), de acordo com Abdias Nascimento, quilombo em sua derivação quilombismo pode ser uma expressão para se referir a coletivos de organizações que lutam por direitos, dignidade e preservação das tradições afro-brasileiras. Como exemplo, podemos ressaltar a atuação das escolas de samba no Rio de Janeiro.

Ventre Livre

Se refere à chamada Lei do Ventre Livre, de 28 de setembro 1871, que determinou a condição de livre para os filhos de escravizadas que nascessem daquela data em diante. De outro lado, porém, a lei determinou que os “ventre livre” ou “ingênuos” permanecessem sob o domínio senhorial até que alcançassem a idade de 21 anos.

Umbanda

Religião brasileira, criada em 1908 por Zélio Fernandino de Moraes, como uma conjunção entre diferentes tradições religiosas, tais como o espiritismo kardecista, dos candomblés, do catolicismo e da espiritualidade indígena. Trata-se de uma tradição espiritual diversa, com diferentes mesclas e perspectivas espirituais, presente em todo território brasileiro.

Zumbi

Último líder do Quilombo dos Palmares, assinado em 20 de novembro de 1695. Símbolo da resistência negra e da luta contra a escravidão no Brasil colonial.

Indicações bibliográficas, audiovisuais, sites e redes sociais digitais

Bibliografias

ABREU, Martha; MONTEIRO, Lívia; XAVIER, Giovana & BRASIL, Eric. **Cultura Negra.** vols.1 e 2: trajetórias e lutas de intelectuais negros. Niterói: Eduff, 2018.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e as novas etnias.** Manaus: UEA Edições, 2011.

BELICO, Marynara de Souza. **Memória, identidade e reconhecimento:** Um estudo sobre o processo de construção identitária de lideranças da comunidade quilombola de Fátima, Ponte Nova/MG. (TCC) UFV, 2018.

BRASILEIRO, Jeremias. **Cultura afro-brasileira na escola:** o congado na sala de aula. São Paulo: Ícone, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOPES, Nei & SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias africanas:** uma introdução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4.ed. 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. (Coleção Cultura Negra e Identidades). 4.ed. 2. reimpr. - Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p.51.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 5. ed. rev. Amp. 2019. Coleção Cultura Negra e Identidades. p. 9-15.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. In: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica:** Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, Sidnei Barreto. **Intolerância Religiosa.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pôlen. 2020.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Malungos na escola:** questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.

PEREIRA, Junia Sales; ROZA, Luciano Magela. O ensino de história entre o dever de memória e o direito à história. *Revista História Hoje*, v. 1, nº 1, p. 89-110, 2012.

RIOS, Ana Maria Lugão e MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do cativeiro:** família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, Ynaê Lopes dos, **História da África e do Brasil afrodescendente.** Rio de Janeiro: Pallas, 1. ed. 2017.

VIDAL, Janice Estarlino. **Tempo de folia:** um estudo do carnaval em Ponte Nova - MG na primeira metade do século

XX. Dissertação de Mestrado. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2019.

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso. **Grupo Afro Ganga Zumba**: dança e canto de mulheres quilombolas como educação antirracista na Zona da Mata Mineira. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2022.

Materiais audiovisuais

Mojubá. Episódio quilombos. Canal Futura (2015):
<https://www.youtube.com/watch?v=u8aeRW0ONeo>

Cantos de Calamboteiros. Délcio Teobaldo. DGT Filmes (2007):

https://www.youtube.com/watch?v=9C_CjI80sHM&list=PLa9ies7myRU9YrCldvNi2gOuKijVeP3U4&index=13

Assistência Social e as Comunidades Quilombolas – Parte 01. Podcast Papo de Malungo (2025):

<https://open.spotify.com/episode/5My8YOcesRDYajB-9Cub2xV?-si=-VHzk9oUQiG5ruQUI5cVBA&nd=1&dlsi=e2e-93471267c441e>

Coletânea “Passados Presentes”. Labhoi UFF (2011):
<http://www.labhoi.uff.br/passadospresentes/>

Sites

Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas em Minas Gerais:

<https://hmg.passadospresentes.quijaua.com.br/>

Passados Presentes: memória da escravidão no Brasil:
<http://passadospresentes.com.br/>

Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) UFJF:
<https://www2.ufjf.br/labhoi/>

Biblioteca Nacional Digital:
<https://bndigital.bn.gov.br/>

Museu Nacional da Cultura Afro-brasileira (MUNCAB):
<https://museuafrobrasileiro.com.br/>

Sistema Integrado de Acesso do Arquivo Público Mineiro:
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

Redes Sociais Digitais

Passados Presentes – MG:
<https://www.instagram.com/passadospresentesmg>

GT Emancipações e Pós-Abolição (GTEP/ANPUH):
https://www.instagram.com/gtep_anpuh/

Grupo de Trabalho Emancipações e Pós-abolição | MG:
<https://www.instagram.com/posabolicaomg/>

Grupo Afro Ganga Zumba (Ponte Nova):
<https://www.instagram.com/grupoafrogangazumba/>

Rede de Saberes dos Povos Quilombolas da Zona da Mata (MG):
<https://www.instagram.com/sapoquizm/>

Sobre o projeto

Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas em Minas Gerais. Processo no CNPq: 421223/2022-7.

O projeto surgiu da experiência da rede Passados Presentes: Memória da Escravidão no Brasil (LABHOI-UFJFUFF; CLASPITT, LEAFRICA-UFRJ), em associação com o Grupo de Pesquisa Emancipações e Pós-Abolição em Minas Gerais, sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). A iniciativa conta com a colaboração de grupos de pesquisa e pesquisadores da UFAL, UFSJ, UFOP, UFV, IFSULDEMINAS e UFMG, integrando a rede internacional Patrimônios Imateriais Afro-ameríndios e Políticas Públicas na América Latina, com sede na IRD-França.

O projeto estabelece parcerias com comunidades detentoras de patrimônios imateriais e saberes tradicionais, tais como congadeiros, foliões de reis e quilombolas, além de escolas, gestores e formuladores de políticas públicas. O objetivo é produzir conhecimentos que promovam a valorização do patrimônio e da cultura negra e afro-indígena, com impacto direto na melhoria das condições de vida de grupos historicamente marginalizados. O diálogo entre saberes tradicionais e acadêmicos se apresenta como uma ferramenta metodológica central e um desafio teórico para a pesquisa.

Os dados do projeto serão divulgados em diversas modalidades de releitura na plataforma digital do projeto¹, ga-

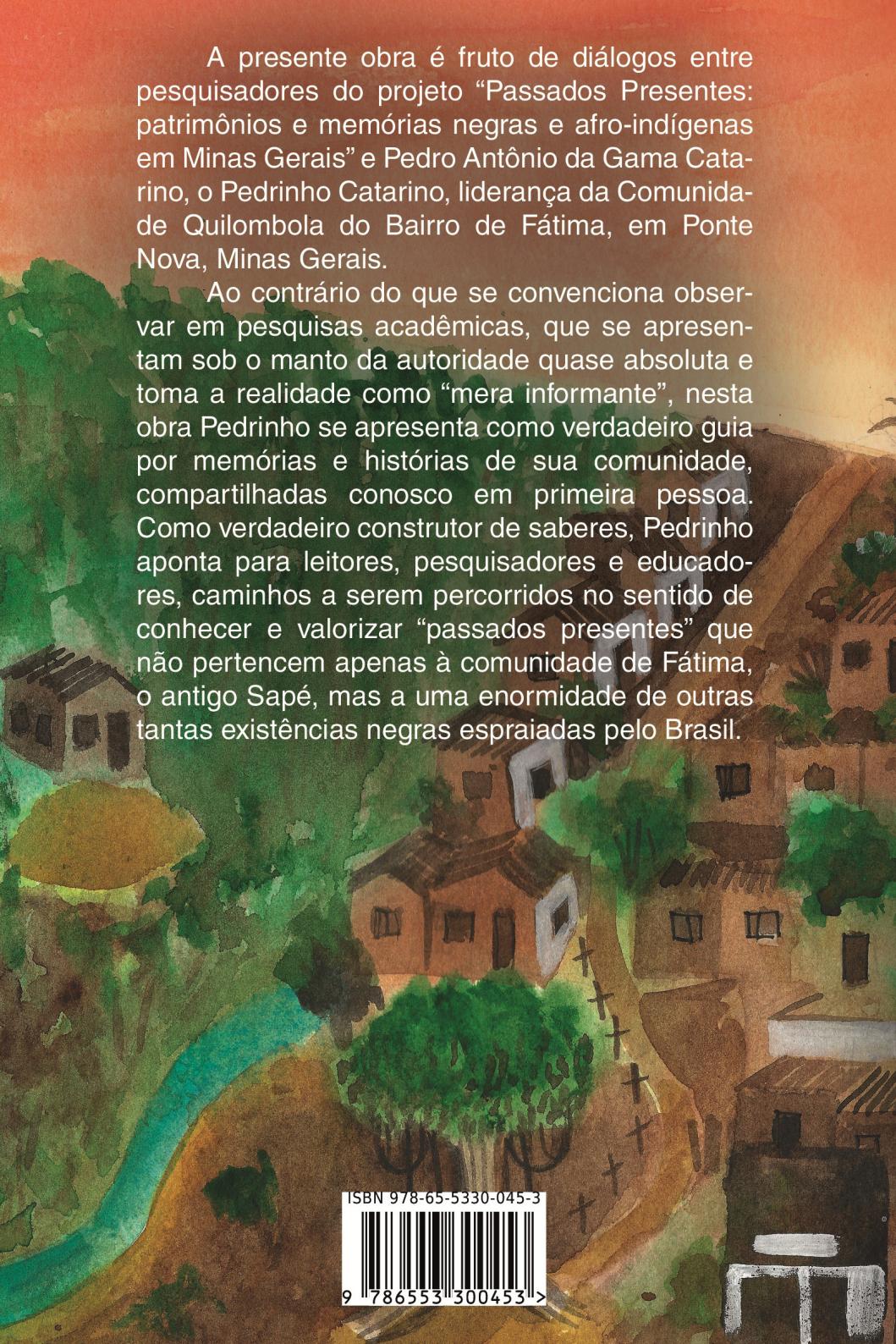
1. <https://hmg.passadospresentes.quijaua.com.br/>

rantindo acesso aos detentores desses saberes, muitos dos quais são pesquisadores da rede. Esses recursos poderão ser utilizados em escolas, museus de território, exposições e aplicativos, promovendo a democratização do conhecimento e sua aplicação prática. Este catálogo é parte das atividades de divulgação das pesquisas realizadas no âmbito do projeto.

Membros do projeto

Hebe Mattos – *coordenadora geral*
Aline Guerra da Costa
Amanda Pimentel Lira Cruz
Ana Luzia da Silva Morais
André Luiz Ribeiro de Araújo
Bruno Martins de Castro
Carlos Eduardo Moreira de Araújo
Carolina dos Santos Bezerra-Perez
Carolina Martins
Christine Douxami
Cleudiza Fernandes de Souza
Daniele Michael Trindade Neves
Danilo José Zioni Ferretti
Dayana de Oliveira da Silva
Fernanda do Nascimento Thomaz
Giovana De Carvalho Castro
Isaac Cassemiro Ribeiro
Janete Flor de Maio Fonseca
Jéssica Mendes
João Paulo Lopes
Jonatas Roque Ribeiro
Josemeire Alves Pereira
Joyce de Souza Santos
Joyce Mirella Alves de Souza

Juliana Pacheco de Oliveira
Keila Grinberg
Letícia Helena Pereira Rosa
Lilian Alexandra Santos Pinto
Lívia Nascimento Monteiro
Luan Pedretti de Castro Ferreira
Luciano Magela Roza
Luis Roberto da Silva Cruz
Luiz Gustavo Santos Cota
Maria do Rosário Gomes da Silva
Mariana Bracks Fonseca
Mariângela Catão dos Santos Silva
Marileide Lázara Cassoli
Marlon Marcelo
Martha Campos Abreu
Monica Lima
Natália Batista Peçanha
Paulo Andrade Campos
Pedro Augusto Soares de Menezes
Raíssa Santos Valeriano
Rhonnel Américo Silva
Robert Daibert Jr
Roseli dos Santos
Sidnéa Francisca dos Santos
Silvia Maria Jardim Brugger
Simone de Assis
Tailane de Oliveira Dias
Tayane Aparecida Rodrigues Oliveira
Vanessa Ferreira Lopes
Vanicléia Silva Santos
Virgínia Albuquerque de Castro Buarque



A presente obra é fruto de diálogos entre pesquisadores do projeto “Passados Presentes: patrimônios e memórias negras e afro-indígenas em Minas Gerais” e Pedro Antônio da Gama Catarino, o Pedrinho Catarino, liderança da Comunidade Quilombola do Bairro de Fátima, em Ponte Nova, Minas Gerais.

Ao contrário do que se convenciona observar em pesquisas acadêmicas, que se apresentam sob o manto da autoridade quase absoluta e toma a realidade como “mera informante”, nesta obra Pedrinho se apresenta como verdadeiro guia por memórias e histórias de sua comunidade, compartilhadas conosco em primeira pessoa. Como verdadeiro construtor de saberes, Pedrinho aponta para leitores, pesquisadores e educadores, caminhos a serem percorridos no sentido de conhecer e valorizar “passados presentes” que não pertencem apenas à comunidade de Fátima, o antigo Sapé, mas a uma enormidade de outras tantas existências negras espreaiadas pelo Brasil.

ISBN 978-65-5330-045-3



9 786553 300453 >